

## **A VIDA REPRESENTADA EM «MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS»**

**Ruth Silviano Brandão Lopes**

### **1. A vida revisitada**

Esclarecendo, desde o início de suas memórias que é «não um autor defunto, mas um defunto autor», Brás Cubas, por esse processo de distanciamento do vivido vai tentar reinterpretar a vida, através do discurso lógico, buscando superar as ambigüidades da relação entre elementos contraditórios, como o código social e as aspirações individuais, a dicotomia vida e morte, loucura e sanidade. O «olhar do outro lado», única saída para escapar às contingências da temporalidade, torna-se neutro, sem compromisso com os padrões éticos ou a ideologia social.

Vemos em toda a narrativa os esforços de Brás Cubas para se equilibrar entre essas forças antagônicas e suas peripécias que o fazem oscilar como um pêndulo entre dois polos opostos. É esse aspecto da narrativa que nos vai interessar especialmente.

Desde o 1º capítulo, Brás Cubas refere-se à vida como um espetáculo do qual se retira tarde. A vida, neste caso, tem um sentido de representação, de cena teatral, onde a persona precede o eu, tendo as pessoas um papel social delimitado, usando uma série de máscaras para desempenhar suas funções.

Através das memórias, Brás Cubas vai tentar denunciar esse teatro, desmitificando e desnudando as personagens e a si mesmo, como personagem-autor e ator, no palco mesmo de suas representações.

A idéia de representação está também relacionada com a obra desse defunto-autor, que, mesmo buscando estruturar logicamente seu relato, reorganizando as vidas nas suas contradições, afastando-se das emoções da temporalidade, não deixa de ser um sistema de pensamento, idéias, desejos e tensões. As memórias são um discurso de «representação» no sentido «em que o sujeito dispõe de um modo de fingimento, isto é, de relativa suspensão quanto ao uso ordinário da palavra e do discurso, em que dele se serve para se 'representar' a si mesmo, tal como se quer ver tal como chama o 'outro' para constatá-lo».<sup>1</sup>

A «re-presentação» relaciona-se com as pulsões que são inconscientes, vindo à consciência apenas a representação que a representa ou o representante da pulsão. Como na vida social, o indivíduo não tem condições de viver livremente seus instintos, a representação supõe uma tensão entre as necessidades pulsionais, relacionadas com o id, e o ideal do ego, relacionado com o código social.<sup>2</sup>

Vamos tentar analisar as memórias como um discurso de re-presentação, construída a partir de uma tensão. Não vamos fazer a psicanálise do autor ou do personagem-autor, procurando a origem dessa tensão no conflito edipiano relacionado com o interdito do incesto. O que vai nos chamar a atenção são as contradições propostas por Brás Cubas, e que são fontes de tensão. O texto das memórias são um esforço de ordenar o vivido, minimizando as tensões: a vida é revisitada para buscar a solução da tensão existente principalmente na relação do indivíduo com o código social. Brás Cubas vai querer-se mostrar como alguém que já superou as ambigüidades angustiantes dessa relação, zombando tanto dos indivíduos como da sociedade. Esta oposição entre o indivíduo e o código social vem várias vezes formulada nas memórias e a ironia, sempre presente no seu relato, é um recurso pelo qual Brás Cubas nega o seu envolvi-

- 
1. Costa Lima, Luiz. «Os Discursos de Re-presentação» IN **Estruturalismo e Teoria da Literatura**. Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, 1973, p. 470.
  2. Costa Lima, Luiz. «Projeções do Ideológicos» IN **Cadernos da PUC**, nº 26, R.J., 1975, p. 182/183

mento emocional com as injunções sociais, numa atitude racional de escárnio e distanciamento.

De acordo com Freud, a representação está relacionada também com a memória e o inconsciente:

«La representación sería más bien aquello que del objeto, viene a inscribirse en «los sistemas mnémicos.»<sup>3</sup>

Podemos ver que as **Memórias** se organizam através de um processo de seleção de lembranças, que obedece a um sistema de associações. Vemos também que nas lembranças está subjacente a tensão e o jogo do desejo. Estes elementos estão presentes desde a infância de Brás Cubas em elementos contraditórios, em solicitações antagônicas. O distanciamento através da morte, da loucura e da ironia são os recursos usados para romper esta dialética.

## 2. Os oráculos em contraponto

Estando no outro mundo, livre da opinião comum, num grau de liberdade ainda maior que o que seu delírio lhe tinha propiciado, Brás Cubas vai-se narrar, selecionando no seu relato suas lembranças que farão parte desse «sistema mnêmico» a que se refere Freud.

Dentro da seleção de fatos, são de especial importância os dois tios do menino Brás Cubas: o tio João (militar) e o tio Ildefonso (padre). Desde a infância a percepção do mundo de Brás Cubas é fundada em dois elementos de referência contraditórios.

O tio oficial: amor da glória terrena

O tio padre: amor da glória eterna

Para o primeiro prevalecem os bens materiais e a valorização da vida; para o segundo, os bens espirituais e a **valoriza-**

---

3. Laplanche y Pontalis. **Diccionario de Psicoanálisis**, Barcelona, Labor, 1971.

ção da morte, no sentido em que há uma **depreciação da vida** aqui e agora.

Estas duas percepções contraditórias da existência vão permanecer subjacentes em toda a narrativa. O «menino diabo» é que vai ser o pai do homem Brás criado sob a ambigüidade moral, já presentes no pai permissivo e mãe repressora, esta última reforçada pela tia Emerenciana, «a pessoa que mais autoridade tinha sobre mim» (p. 528). O pai estaria mais próximo do tio militar, a mãe e a tia, do tio padre. Parece-nos, assim, importante destacar esses dois tios que funcionam como oráculo do menino:

«Cada qual prognosticava a meu respeito o que mais lhe quadrava ao sabor» (p. 528).

Privilegiamos a figura dos dois tios, ao invés de nos centrarmos no pai ou na mãe, porque eles têm uma função social muito clara dentro da escala social. Sintetizando exatamente as «duas colunas máximas da opinião», o senso comum, podemos relacionar o tio padre à gente grave e o tio militar à gente frívola a que se refere Brás Cubas no 1º capítulo. Ambos os tios representam o sistema de idéias e de atitudes da comunidade. Mesmo se contrapondo, eles têm o mesmo ponto de referência, que é a superestima da ascensão social presente na classe dominante e a glória é o que persegue Brás Cubas em sua vida, até chegar ao emplastro Brás Cubas, motivo de sua morte. Ele mesmo confessa ter a «paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas» (p. 515).

Destacando as qualidades morais dos tios, vemos que «um deles, o João, era um homem de língua solta, vida galante, conversa picaresca» (p. 527); e «bem diferente era o tio cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre».

Vemos, unindo o que se disse a respeito desses personagens, que eles sintetizam duas atitudes em relação à vida: valorização e exteriorização dos impulsos vitais e depreciação e

contenção dos impulsos vitais. Os personagens das memórias ora oscilam entre os dois polos: ora vão de um a outro, sem voltar ao primeiro. O certo é que a maioria deles caracteriza-se pela mudança.

No primeiro caso, está o próprio Brás Cubas, às vezes impulsionado para a glória e o sucesso; às vezes, hipocondríaco, impulsionado para o recolhimento, a introversão excessiva. Podemos incluir aí também Quincas Borba, de menino mimado e rico a mendigo e daí a filósofo. No segundo caso está Marcela, que vai da fama e beleza ao esquecimento e feiúra, ou Prudêncio, que faz o trajeto oposto, de escravo a dono de escravos. Esta oscilação está presente também no que podemos chamar de «jogo das compensações».

### **3. O jogo das compensações**

Desde criança afirma Brás Cubas ter-se afeiçoado «à contemplação da injustiça humana». Neste sentido as suas memórias seriam uma reflexão sobre a condição humana: a grandeza e a baixaza dos homens, as aspirações individuais, contrapostas ao código moral, as idealizações contrapostas aos instintos. Há um esforço para se superar estas oposições através de estratégias racionais que revelam a habilidade da consciência para fugir à culpa.

Diante do código social do qual Brás Cubas parece zombar, na medida em que o rompe, há, entretanto, um certo temor nunca confessado, mas denunciado por esta estratégia que Brás Cubas chama de «lei da equivalência das janelas». Diante de uma interdição é preciso buscar um elemento mediador que vai propiciar a transgressão. Esse jogo interessa na medida em que ironicamente ele desmascara os indivíduos diante do código moral, revelando a hipocrisia sobre a qual se fundam as normas sociais.

O episódio da moeda dada ao almocreve inicia uma série de situações em que se nota a função simbólica do dinheiro. Sabemos que a relação do homem com o dinheiro extrapola os limites da troca de bens materiais. O valor afetivo do dinheiro

e sua relação com elementos inconscientes associados ao desejo interdito suplanta o mais das vezes seu valor material. Premian-do o almocreve que lhe resolveu um problema imediato, Brás Cubas pensa em dar-lhe três moedas de ouro e acaba dando-lhe uma moeda de prata: há aí uma progressão regressiva da generosidade. No final do episódio, Brás Cubas confessa ter tido remorso, não por ter resistido a seus impulsos mais generosos, mas por ter-se sentido demasiado pródigo. Vejamos neste caso a função da moeda: ela não vai resolver nenhum conflito, apenas vai ser signo de agradecimento. Um agradecimento tão valorizado pelo agradecido, que o valor material relacionado a ele vai decrescendo à medida que a consciência da própria bondade vai crescendo.

Mais tarde, já no capítulo LI, aparece uma nova moeda: uma moeda de ouro achada à porta de casa. Nestas alturas Brás Cubas está interessado em Virgília, já casada. A facilidade com que ele se desprende da moeda se explica pelo fato de que agora ela se relaciona com um objeto de desejo socialmente proibido. Entra aí um jogo de troca simbólica.

devolver uma moeda achada: valor para o código social:  
virtude

mas

desejar Virgília casada: não-valor para o código social:  
adultério.

Ora, entregando a moeda achada, ele desloca a opinião pública e a sua própria para sua virtude e se permite transgredir o interdito, pois equilibra a balança do julgamento moral.

Mais tarde, num outro episódio relacionado com esse, Brás Cubas acha um pacote contendo 5 contos e não o devolve. Não há nada em jogo que precise ser equilibrado. Aparecendo a necessidade de arrumar uma governanta para a casa de Gamboa, lugar de seu amor proibido, ele dá o dinheiro a D. Plácida, inicialmente escrupulosa de ser cúmplice de tal situação. «Foi assim que lhe acabou o nojo» (p. 583). Repete-se aí o mesmo jogo de troca simbólica, em que o dinheiro inverte a posição da consciência diante do código moral.

Através desse processo de desvendamento do simbólico, denuncia-se não apenas o jogo malicioso de Brás Cubas para transgredir o código moral sem arcar com o sentimento de culpa, como uma estrutura social fundada numa tensão, diante de regras morais rígidas e os interesses pessoais contrários a esses padrões. Mantém-se a aparência da moralidade e permite-se que se transgrida o interdito, através de um jogo apenas aparentemente honesto.

#### 4. A razão da loucura

Desde o início da narrativa, com o capítulo do delírio de Brás Cubas moribundo, há a introdução da loucura opondo-se ao bom-senso e o senso-comum. A loucura, como a morte, é um outro modo de estar distanciado, liberto das injunções constrangedoras presas à opinião pública.

Zombando desse senso comum, Brás Cubas desde o seu delírio vai introduzir o elemento paradoxal, rindo-se das loucuras da lógica institucionalizada pelo código social, sempre limitado e incapaz de dar conta do problema existencial do homem. Delirando, contudo, ele se mostra com uma acuidade crítica tão aguçada que é capaz de ter uma visão global da condição humana.

«A razão a partir de Freud (nos ensina Jacques Lacan) não se opõe à loucura: ambas obedecem a uma lógica. Através dessa lógica chegamos ao avesso do discurso. A desrazão passa a ser a negação, o desconhecimento, o desvio, a censura e a rejeição da Razão tal como ela pôde ser identificada por Lacan a partir de Freud». <sup>4</sup>

Não vamos analisar a filosofia do Humanitismo que sabemos ser uma sátira a duas filosofias correntes no séc. XVIII. Queremos apenas ressaltar a função do louco-lúcido. Quincas

---

4. Garcia, Célio. *Psicanálise e Literatura*, texto mimeografado usado em seminário, FALE, 1975.

A edição usada de «Memória Póstumas de Brás Cubas», é a de Aguilar, R. J., 1971, v. 1.

Borba, que desfaz a dialética do Mesmo e do Outro, com sua formulação: «Sendo o homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias» (p. 615). O próprio Quincas Borba é ao mesmo tempo louco e lúcido, mendigo e filósofo, e seu personagem escarnece do senso-comum e distancia-se da opinião pública. Ele é o elemento que se opõe ao bom-senso e, ao mesmo tempo o denuncia, na medida em que questiona os valores e a lógica do homem comum.

## 5. Conclusão

Neste breve estudo das **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, o que nos interessou destacar foi a tensão existente em vários elementos da narrativa e a função do discurso lógico, racionalizador, construído ironicamente para resolver esta tensão, o que se consegue até certo ponto: apesar da negação de Brás Cubas, a opinião comum, o código moral não é tão menosprezado quanto parece, pois os personagens estão sempre oscilando entre extremos, mas têm sempre como referência os padrões sociais que permanecem intactos: há crítica ao homem destituído de grandeza e de capacidade de auto-superação, movido sempre por seus desejos pessoais. A origem desse menosprezo, entretanto, está num excesso de idealização que, em confronto com a realidade, converte-se em desilusão e amargura, fontes de uma ironia constante em toda a narrativa.

Ruth Silviano Brandão Lopes é Mestre de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG.